DIA MUNDIAL DA POESIA

POESIA NA GARGANTA

VOLUME III

Março 2021

CÂMARA MUNICIPAL
PAREDES

ÍNDICE POR AUTOR

ESCRITA

A. Fe | 4
Adélia Coelho de Barros (1874–1940) | 6
Agostinho Brandão (1859–1934) | 7
Aires Montenegro | 8
António Moreira Cabral (1833–1911) | 9
Carolina Ruão (1923–2020) | 10
Daniel Faria (1971–1999) | 12
Donzília Martins | 13
Fernanda de Queyroz | 14
Gaspar Torrão | 16
Joaquim Castro Caldas (1956–2008) | 17
© Kravchenko | 19
Manuel Alves Ribeiro (1937–1984) | 21
Maria Irene Mendes Moreira | 22
Maria José Alves Pereira da Silva | 23
Marisô | 24
Miguel Gomes | 25
Nuno F. Silva | 26
Olívia Clara Pena | 29
Paula Isabel Castelo Branco | 31
Rui Guedes | 34
Sílvio M. Silva | 36
Vítor Hugo Moreira | 40
Zeferino Silva | 42

FOTOGRAFIA

António Bernardino Coelho | 46
Gaspar Torrão | 47
Norberto Valério | 48
Renato Lainho | 53
Teresa Lama Serra | 54

MÚSICA

Daniel Lemos | 56

PINTURA

Ana Vasco | 58

ESCRITA

POESIA NA GARGANTA

VOLUME III

Março 2021

"Monólogo"

A primavera broto de versos

Rebentar da poesia, nas asas abertas de uma flor

Fruta sentimentos, dor, amor das suas íris
quando o choro se forma o início da poesia surge nascente
brilha _ linha a linha,
_ porque algo nasce
para a morte passar
e sendo ela feminina
estéril e branca de silêncios
escura se umidifica negra
e pinga das pétalas

por apanhar a cauda do arco-íris
por no fundo abrir o pote da poesia

e a quem o encontra
nasce-lhe na íris, outro mundo

ali, a descobrir em cada linha
a montanha do ouro dos poetas
os inimigos da quietude da felicidade imensa
e do sorriso constante que de forma irritante
se impõe no diário do nosso dia-a-dia

Somos furiosamente aversos
– ao normal–
Contra paradigmas!

Visão de palavras simples, próximas do lago, no fim do arco-íris
que quase chega o meu mundo
o meu mundo é transparente
e nele se vê a alma
de quem chora a escrever
de quem ama a escrever
de quem morre a escrever
de quem reza a escrever
de quem se ova a escrever
de quem se muda e na mudez se escreve
sentimentos e visões
futuros
presentes e passados

Deixar escorregar veias no arco-íris.
Deixar escorrer o céu
se chover, se fizer sol

a folha
a folha
à flor
completo o ciclo

o(dor)es e abelhas
movimentos de clorofila
bombeiam o esqueleto da coluna de cada folha
e a cartilagem produz, como tinta verde
imagens da leveza muda
que os insetos levam
nas patas, o peso das cores
para o sol arborizado
e todas as flores se sombreiam
também as minhas palavras
rebentam em pétalas
O céu!

A. Fe, 25/03/2015

Tu foste com'as almas que vôam
Num volátil ao céu ditosas,
Tu foste com'as'strelas que fulgem
As mais scintilantes formosas

Tu foste um jardim de flores
Tu foste um azilo de rosas.
O bálsamo p'ra muitas dores
Radiantes pedras preciosas.

Tu foste os Anjos do bem
Tu foste os Santos também,
Que nos coroaste de luz

A porta do céu e dos Anjos
Dos Serafins e Archanjos
Muito parecido a Jesus.

Adélia Coelho de Barros (1874–1940)

HOC EST ENIM...

Pela sonora nave silenciosa,
tam cheia de mutismo reverentes,
sentia-se o sentir das almas crentes,
na contensão da prece ferverosa.

A multidão prostrada, absôrta, anciosa,
dizia adorações, labios frementes;
e o padre – um bom velhinho – mãos trementes,
Ergui dôcemente a hostia gloriosa.

Nesse solene instante mist'rioso,
ascenso no cicio pressuroso
das almas imprecando a Deus um céu,

eu quiz pedir também...
Sem fé, nem ´sp´rança,
mas com febril amôr, então, criança,
baixinho disse, a mêdo, um nome — o teu...

Agostinho Brandão

Do Livro SAGRADO LETES
III PARTE
XXV VARIAÇÕES SOBRE TEMAS DE JORGE LUIS BORGES
(VARIAÇÃO XXV)

Os livros, simulacros da memória,
Só importantes são quando os sonhamos
Envoltos ainda em frias neblinas,
Sofrendo ao não saber como acabá-los.

Depois, seta lançada de um arco,
Tornar-se-ão o movimento que os lança,
E quem, depois, os vier a encontrar
Lerá neles o que eles são e o que não são.

Do sonho que foram à realidade que são
Tanto se mudaram que são outros
Como outros serão os que os lerem.

Afastados do sonho que sonhei
Não me importo com essa tal diferença
Que também, sendo outro, não sou eu!

Aires Montenegro

Ventura no céo

QUE SOLO EM DIOS LAS DICHAS PERMANECEN
Condessa da Ericeira

Que tristeza, meu Deus, n'est'alma sinto,
Que saudade me oprime o coração!
O mortal desalento já pressinto,
Vejo o futuro em negra cerração!

Procuro em vão a estrela fugitiva
Que nos sonhos de amor vira luzir...
E esta dôr veemente, a sorte esquiva,
Parecem deleitar-se em me pungir.

Bem quizera quebrar os férreos laços
Que assim me prendem a cruel sofrer:
Mas...cruzo sobre o peito os frouxos braços,
E sinto-me a final desfalecer.

A pouco e pouco vou perdendo tudo
Nos entes caros que na terra amei!!
É meu destino...O céo tornou-se mudo
Ás fervorosas preces que rezei.

Agora só contemplo a doce esp'rança
Que alem da campa ao infeliz sorri;
Quando em funéreo leito se descança
Certamente a ventura jaz ali...

Termina então da vida o sofrimento,
Fugindo deste mundo aos mil baldões:
Ditoso de quem sobe ao firmamento,
Pois vae no céo achar consolações.

António Moreira Cabral (1833-1911)

Quanta beleza beijam os meus olhos!!
Tantas flores,
De tão diversas cores!
O seu perfume
Como inebria!
São fonte de alegria!
Em todas há doçura,
Há mel
E há azedume.

Há mistérios nas tuas sementes,
Há vida porque sentes,
Choras porque te doe,
Porque te magoo
Quando te corto para te beijar!

Na diferente verdura
Das tuas folhas,
Que ternura!
O contraste das tuas cores
Com as tuas flores
Faz-me cismar
E não deixo de pensar
Que só por amor
Tudo foi criado
Sem ser eliminada
A dor...

In, "Outro ramalhete de poesia", Paredes, 2014

Carolina Ruão (1923-2020)

AS CAMÉLIAS CENTENÁRIAS DO "PALACETE DA GRANJA"

CASA DA CULTURA DE PAREDES

Pomponia Estrita Portuensis

Coquetti

Pompone

Arcozelo

Do Livro dos Solilóquios 2

De neblina somos. Vaidade, faísca
Faúlha daquilo que se extingue, o que se apaga
Inumerável nada

Apedrejas-me com a mesma pedra que me dás
Para o descanso

Pisam-me os cascos do veado em chamas
As hastes emaranhadas no lume

Pelo tacto procuro o caminho das águas
Cego — e os olhos a quererem abrir-se
Como as chagas

Daniel Faria

O meu jardim

Na minha infância não havia jardins
Apenas as rosas vermelhas do Cachão,
As beladonas perfumadas do monte Joana,
Alecrim e lírios, muitos lírios
Nos dois lados:
Roxos, tristes de paixão, aveludados
Que floriam as Páscoas de Aleluias.
Foi nesses jardins de infância
Que fiz nascer os meus sonhos
Na minha alma de criança.
Longas noites de luar
Perfumaram meu jardim
Histórias, lareiras e amor,
Tudo florido para mim.
Bem no meio plantada
Havia a mais linda flor
Que alguém um dia viu.
Mas antes da Primavera ela murchou e partiu...
Ah! Se eu pudesse hoje colhê-la
Apertá-la-ia de encontro ao coração
Cobri-la-ia de beijos para protegê-la
E não a deixaria ir...
Hoje...
É o seu perfume doce
Que me faz florir
Me dá cor e minha vida inebria
Na esperança de vê-la um dia.

Donzília Martins

Cor da Poesia

Sei de cor a Poesia...
Vou pintar a poesia com a cor do perfume que exalo ao passar!
Com a cor do dia de reencontros,
matizada de coisas simples
meio perdidas dentro de mim
Onde habita a poesia habito eu,
habita alegria, e danço... danço ...
brindo e saúdo o universo!
Invento uma sobremesa feita de poesia,
depois de um manjar gostoso.
Escrevo em prosa uma música alegre
e movimento o corpo, danço ...danço

Deixo o espírito da poesia dançar dentro de mim,
e deixo-a sair por alguns instantes.
Fecho os olhos...
imagino um céu se abrindo sobre mim...
nuvens de letras coloridas...
com asas e anjos.
E vejo a chuva transformada em vinho
como nos contos cristãos.
Sinto o carinho e o conforto das mãos de Deus
apagando da minha memória páginas e lembranças
Que me causaram, dor e fizeram chorar!

E olho-me...

sinto-me o poeta da minha vida
escrevo-me em folhas de poesia
Poesia para alentar o meu futuro...
pintura surrealista
planos para ampliar a poesia
hoje, amanhã e sempre...

...Bom dia.
Acorda!
Sobre um tabuleiro de poesia
em castanho pinto o cheiro do café!
Abro a janela deixo a poeira da poesia sair,
renovo o ar da inspiração

Visto aquela poesia que usei no casamento,
Fixo-me a ler no espelho
o meu sorriso nas linhas em branco
E o sonho bonito, poesia,
nasceu aí, numa dessas noites de esperança.
Teus olhos poesia
não podem ficar na penumbra,
Destrava os trincos da porta,
Faz esse espetáculo
toma conta da menina dos meus olhos
a tua oração
Renova a minha fé no quer que seja.
Poesia... Poesia
Levanta-te e sai de casa
sai de dentro de mim e de ti

Acorda minha linda poesia levanta e vai.
No teu abraço poesia é verdade que a vida voa,
mas também recomeça a cada poesia
Não tenhas o medo do nada.
Porque o bonito da vida,
é ter sorrisos
e poesia
para contar.

Fernanda de Queyroz

Enfadado

Eis um género de fada
com poderes lamentáveis
que abusam à risca,
abafados por opção
e concorrendo à justa
sem tréguas no repasto.

Poderia

Um feminino oculto
talvez possa poder
pois abomina tudo
numa meta perspetiva.
Mas a entidade camufla
rezando pela incógnita
e jogando com o silêncio
incendiado de inocência
alimentado de poderes.

Pseudo mas

Gostaria de vos escutar
sabem que a vossa opinião é...
digamos, conta!

Claro que podem,
pois vocês decidem.

Mas... é pertinente,
mas... é melhor de outra forma, talvez.

Mas, depois vê-se!?
Então... mas não foi nada disto que falámos uma vez mais!!!

Gaspar Torrão

há uma quinta muito pequena que já foi grande, em Paredes, onde o forno funciona coração e o gelo imobiliza o mal olhado, o calor desaperta e vive uma pequena enorme família feliz e unida por um princípio: nós aqui somos assim. e há um período muito pessoal da vida em que lá vivi, li, sonhei, ouvi senti, vi, escrevi, sempre só durante 2 meses há cerca de dois anos. o meu apartamento de luxo, rupestre e recolhido (uma antiga pocilga) eram duas camas de criança, uma mesa e um computador, uma cas de banho digna de uma poisada de bem, pouca música, muito silêncio – irrompia do chão para o céu um espaço bordado a vinhas de granito, tanques de água lúcida, frutas e aves sem marca, entre podadores não se dizia: bom dia. dizia-se: as peras estão prontas a colher. para não ter de tocar o sino, eu tinha uma enorme chave para separar a serenidade da monotonia, só a entrar e a sair do portão verde pesado é que dava por isso. há um abraço a dar muito forte, como quem não tem braços para dar a volta ao tronco, à frondosa árvore Mendes Moreira, incluindo fauna e flora, sol e lua, por entre um monte e um vale terem dado um sonho de parcos versos a este vosso humilde poeta-de-dar-corda a uma parábola, curta e longa, cuja única diferença das outras é não ter moral da história

XIX

e há o fim
só os valores
que esperam
aprendem a
saber esperar
pelos outros
as pérolas sós
amam no fim
partem para
outro fim
chegam ao meio
com dignidade
os homens são
apenas a passagem
do vácuo ao cheio
o único princípio
o último atalho
o primeiro refúgio
o nosso amor
sublimado

Joaquim Castro Caldas (1956- 2008)

Apócrifo

(escrito sobre uma redação de Maria Irene Mendes Moreira)

gostava de ter tempo a serenidade do tempo
essa que permite ver como adormece a rosa
essa que corre nas noites em que o silêncio
se cala e se ouve a alma e a dor se desintegra

queria o tempo de não me disfarçar de forte
queria não ter que sonhar gostava de garantir
que ninguém magoa ninguém que nenhum
ser humano sofre se entristece em movimento
dor indignada a dor que não semeia harmonia
e queria que o ser fosse igual ao dever ser
o pranto fosse urgente o amor uma denúncia

in, "há", Ed. Apalavrados, Coleção cobras incompletas nº 0, 2005
Cedido por Mié Mendes Moreira

Ablepsia

Encostado ao mar
quanto tem d'acontecer
água e sol o derramam

quantos receios, angústias, sobressaltos
tem um dia
a ignorância domina e a idade
avança e tudo parece séria doença;

sinto um ruído infernal, um campanário inteiro
na cabeça um exército de carneiros
seus chocalhos
fez redil
em meus ouvidos — o coração
estola um descompasso exaurido

(e impele...!)

haverá, algures, alívio para a gravidade do tempo
— memórias
que podemos... e a carga de sonhos...?!

(toda a herança daqui...!)

resilido pelo tom da bagagem do ano,
com todo o crédito de cada dia que nasce,
povoo olhos de mim;
e nas insuficiências combater
este destino
passo-a-passo
encostado à estrela da manhã
navegar sem sobressaltos do imo
com saber
medos e angústias — coisas próprias —
expectativas d'alma!

© Kravchenko

AS CAMÉLIAS CENTENÁRIAS DO "PALACETE DA GRANJA"

CASA DA CULTURA DE PAREDES

Manchada

Anemoniflora Rubra

Takanini

Chardonneret

Os Pinhais
(Excerto)

Nas Serras, nos outeiros, pelos matagais,
Enormes borrões como mantéus, como pinhais
À paisagem dão o tom negro em verde azeviche,
É à perspectiva a cor de um grande mar de piche,
Visto ao perto, que o longe pastel se matiza
De azul marinho e cinza, em distante baliza
De horizonte, onde o céu e a terra já se fundem
Com os ares, a névoa além, tule e babugem!

Despontando a Primavera, da Natureza
O sol tece uma corbelha de flores pintas
De martelos, gladíolos, lilases e rosas,
De campainhas, cravos, Marias e mimosas,
Para aves fazerem ninhos e o pintor tintas!
Então é que o trique-traque em cascas de pinheiros
Se escuta pelas matas e o olor a resina
A manar como linfa do tronco de ondina,
Se infiltra, cru, assim mesmo como os acres cheiros
Picantes da caruma, aonde alta a viração
(Que os humos traz, no lençol de enxofre, o vigor
Do sémen criador desses gâmetas primeiros),
Compõe o mistério de uma polinização,
Prescrita «ex dono» pelo Deus Nosso Senhor,
Sinal da vida nos seres sem relação!
Exércitos de gigantes bambus tamanhos,
Lustre do caseiro e riqueza dos maninhos,
Comporta da erosão, dossel de mil rebanhos,
Pulmões robustos do ermo e marcos em seus termos,
Vida dos pobrezinhos, livro para lermos
Com todos os sentidos, mudos pinheirais,
O que viveis, o que pensais, o que sentis?
Quem vos descanta e vê, vos abre e quem nos diz,
Florestas Negras, País de Gales do meu país!...
[...]

Manuel Alves Ribeiro (1937 – 1984)
In, "Os Pinhais", Porto, 1973 (2ª ed.)
Cedido por Teresa Lamas Serra

Lentamente
Tinha do silêncio
a melodia da madrugada
no meu corpo
de luar alcatifado
a imensidão do mar
no olhar espreguiçada
e entre os dedos
o tempo em roupão
passeando em liberdade
tive um dia
que do dia fez a noite
eternamente
do silencio
um querer abandonado
solidão
na clareira enredomada
colorida de opalina
aberta sobre o nada
azul
cinzento
fez-se
negro
lentamente

Maria Irene Mendes Moreira

JAMAIS

Podem morrer as rosas
Pelos canteiros,
No céu deixarem
De cintilar estrelas,
Secarem fontes
As searas e o mar;
Não haver horizontes;
Podem morrer as aves,
Findar a aurora,
A guerra
Nunca mais acabar...
E só desolação
Pelo mundo fora...
E não haver mais luz
No teu olhar...
E pode o sol
Deixar de ter calor,
Ser negra a noite,
Não mais haver luar,
Que jamais deixarei
De amar-te, meu amor...

Maria José Alves Pereira da Silva

Pirilampo

Sempre que volto para ti,
Pirilampo,
Surges-me luzinha a sorrir.
A tua voz silência a minha,

Com teus bracinhos,
Enlaçando-me,
Penso,
O teu silêncio,
A tua beleza, oculta um mistério,
Sabor a mel.
O que segredas tu?
Princesa de Deus,
Iluminas minha escuridão,
Meu pirilampo.

Marisô, 2021

Ainda o Inverno não saiu por completo da quotidiana agrura, espreita já a Primavera da sua lura. O frio enaltece o que de nobre tem o corpo, o calor ao encontro da companhia, a noite que envolve amenamente o dia, o beijo caído aos pés do fruto, maduro, sem colheita perene nem leito onde a cama nos acolha.

Era tarde, a medo e com os olhos pouco habituados ao dia, assim a Primavera salpicava de ar a juventude de Março, enquanto o Inverno, sorridente (assim o é, para quem o mira e lhe sente a fé), a levava ao colo por entre gargantas e vales, acima de bens e males, mostrando-lhe o quanto de terra ele lavrara numa estação do apeadeiro a que nos fazem acreditar ser esta viagem.

Quando a tríade de meses se apresta ao fim, ele, Inverno, na velhice dos que se sabem eternos, vê as próprias mãos derretendo de saudade quando a flor de laranjeira se chega à sua beira e o perfuma de verde.

Recolhendo-se do calor ameno, a salvo dos que lhe mal auguram a chuva, o frio e o vento, o Inverno aproxima-se da lareira enquanto a Primavera, quase adolescente, lhe encosta ao peito a manta retalhada de um coração de ouro, vestido em gente pobre. Respirar é um tição que nos cobre.

Poucos sabem do testemunho silencioso da existência sobre o que nos é amado, uns chamam-lhe destino, outros fado, sem acreditarem que a vida tem estes poderes, o silêncio que afoga todos os anciães dizeres. Quando nada tivermos a contar, teremos o céu a bater-nos à porta para entrar.

Fechando os olhos para um descanso furtado ao paraíso que é o sono dos justos, deixou de ser Inverno quando a Primavera, onde no seu colo pousara os cabelos alvos da geada, sorrindo ao recordar dos braseiros, os seus amores, o bordou contra os montes usando flores.

E, assim, no assomo de um coelhito à saída da toca, espreitou a Primavera mundo fora, mirando o solene legado da invernia que, pacatamente, lhe sorria.

Miguel Gomes

Please leave a message

Até os telégrafos
avariam
a meio da noite.

E a solidão
é um eterno sinal intermitente
de chamada interrompida.

São três e trinta e oito,
e na estranheza
imóvel da madrugada

À varanda
quebro a lei do silêncio
para gritar o teu nome.

A noite é um espinho
na garganta
daquele que ama.

Replay

Dou replay na canção
que fricciona na ferida
mal coagulada.

E quando acaba

Não sei decidir
entre o silêncio
ou sofrer
mais uma dose.

Nuno F. Silva

Albergue

A
Tua
Voz
Aberta
É
O

Único
Albergue
Ao Fim

Do
Dia.

Under the Sun

Onde ficámos nós,
nestes dias
entre o sol e nada?

Nas noites
em o corpo
levita de insónia
até o peito bater
no teto?

Dependemos da caridade
de garrafas
e do agiota de ansiolíticos
para sobreviver àquela peça
de piano que nos lembra
a última primavera em que amamos

Nuno F. Silva

AS CAMÉLIAS CENTENÁRIAS DO "PALACETE DA GRANJA"

CASA DA CULTURA DE PAREDES

Bella Romana

António Bernardo Ferreira

Paeonia Rosea Portuensis

Albertii

Labirinto

Devolves
os brincos de mineral puro
a camisola celeste
o reverso dos objetos dispersos
e sem rumo
os espaços vazios
o rosto desconhecido
a feira das vaidades
e
todos os grãos de pó persistentes
e insistentemente acumulados

De volta
a espera a prazo,
ausência intermitente,
o cheiro
a horas de amor
em doses compulsivas
novelo de eternidades

Ficaram os livros
vintenas de palavras
orações e sacrilégios
caminhos no purgatório
encruzilhadas no âmago da nossa história

Sempre te disse
que os livros voltam a casa
arejados os assombros
rarefeita a palavra
alinhados os relógios
revolvidos os escombros
da infância antiga deste poema
a carne e o colo é que só para depois.
Prece e anunciação

A poesia feminina
nasce em corola festiva
revolve
segredos escondidos,
incorruptíveis,
é caixa de música
cálice de inquietações

É aquela que golpeia a esperança,
com esporas d'urgência
sibila o inaudível
e consome fastios
das idades do mundo

É a que cavalga rios
emprenha oceanos
lavando águas escuras
de eruditos sofrimentos

A poesia feminina
escava fendas no misterioso oculto
tem dias que é prece
e outros que é
anunciação.

Olívia Clara Pena

Náufrago

Corpo de náufrago
que se ergue e respira
neste avesso em que te esqueço
incêndio à solta
corpo nu
e lesto e lento
em que te sorvo
e
em que me alento

Olívia Clara Pena

1
Falo-te dos inícios
Do prelúdio
Do instante da linha onde se nasce
Daquele invisível bálsamo ou
Incenso onde te vi chegar
Ao longe.

Falo-te das mãos
Da fragilidade dos dedos
Do olhar inseguro a procurar
Manhãs na superfície de um
Tempo por existir.

Falo-te da curva dos teus lábios
Da pulsação da terra
De cada poro a abrir-se ao som
Da chuva.
Das margens dobradas no
leito das águas virgens

E Falo-te da língua
Do despir da noite
Do ventre da lua
Da fome da seara
Do pão quente e da seiva
Do canto noturno dos Himalaias
Da humidade onde se germina
Do Templo.

Chamaste-me Oceano
Disseste-te Rio
Então, amor, deixa que inverta o curso
das marés
Para que a Foz seja, para sempre,
tua Nascente.

Paula Castelo Branco

2
Há quase um ano que não te procurava.
Abro a gaveta e sinto o teu afago,
Um fragor.
Não sei se estás ou se é dentro de mim que te encontro;
Não sei se existes, se te invento,
Mas fecho os olhos para que voltes a entrar na curva da garganta
que exprime o sopro do dia
em que o hino se compôs.

As minhas mãos precisam
Do alcance do mar.
Desorbitadas de barcos, agarram o silêncio;
A distância é solar e eu escrevo nos versos
Que não sei desembarcar sem os teus braços.

Como proibir a voz do dia por nascer?
Como impedir a sede de crescer?

A queda não dói, quando aprendemos a ser chuva, e eu
Entro no solo fértil,
sinto o pulsar da escuridão do corpo,
O arrepio.
Encosto-me a uma raiz e desnudo a seiva
Onde brota
aflito
meu poema curto.

E, simplesmente, como um rio,
A flor abre-se ao beijo
No despontar da aurora dos meus dedos.

Paula Castelo Branco

3
Quero-te pele nua onde a luz estremece
e as ruas desertas deixam de chorar.
Quero-te na linha do estio
Onde as aves pousam para fazer
nascer os novos Oceanos.
Quero-te no inverso dos dedos
Onde a língua se perde e
se inventam os bichos.
E quero-te na curva sôfrega do corpo
que desperta as lendas e
faz surgir a voz dentro
dos teus olhos.

És o retorno,
o reverso das sementes onde
O Nada é nunca mais
e o Tudo é feito da rota dos barqueiros;
És a boca que procura o sul,
O mar dentro de casa
E eu
Quero-te nessa vertigem das
viagens que começam,
Na senda antiga dos cardumes,
No trago de um licor que espalha a seta,
Reverberar no cálice que enceta e principia
E cair no abismo onde
Todo o Universo se inicia.

Paula Castelo Branco

Os rios não conhecem a água

Julgam que corre apressada, na loucura de ser feliz,
e na vontade de chegar a um qualquer lugar,
e desaguar...
A água que corre nos rios não conhece as suas margens.
Não sabe que, sem margens, era leito derramado sobre a Terra,
ou o charco enlameado onde escondemos os pés,
deitados ao Sol.
Lama seca e quebradiça sobre a pele, formas geométricas
pintadas de amarelo, vermelho e lilás.
Sobre o verde das águas, numa corrida sagaz entre as fragas
desgastadas pela corrente.
E só quem as sente sabe,
que os rios não conhecem a água.
Se a conhecessem, sabiam do teu vagar,
do teu fino caminhar, como garça saída do ninho para o primeiro voar.
E o leito, onde mergulhas os pés e dizes à lama:
Vai sagaz por entre as fragas, corre para quem te chama...
E eu, água límpida por entre os teus medos,
afagando-te, suave, o cabelo e os dedos,
Sou a água, sei-te bem, em mim mergulhaste na loucura de ser feliz.
Mas se eu fosse uma margem do rio, pedia à outra para me abraçar
e apertava-te naquele abraço entre as mãos onde, depois de
afagados os cabelos, e espantados todos os medos,
te dizia:
Sou um rio com a pressa de chegar,
dá-me um qualquer lugar onde desaguar.
E tu, margem que me abraça e sussurra ao ouvido, dizias-me:
Desaguas em mim, sou um mar...

Rui Guedes

O milho mirrado não esperneia ao vento

nem é árvore sozinha em deserto sedento.
Fez-se banco de jardim num corpo moreno,
e fez o sorriso que mente a cada segundo:
Quem quer casar com a última árvore do mundo?
Cortaram-nas todas!
Fizeram-nas centenas de ripas envernizadas,
para dezenas de bancos envernizados,
e para apenas um corpo moreno num banco de jardim.
Cor, castanho, verniz...
bronze como a calçada onde plantaram a última árvore do mundo,
canteiro de terra barrenta em terreno infecundo.
Quem quer casar com a última mulher do mundo?
Levaram-nas todas!
Fizeram-nas centenas de homens,
para dezenas de casas,
e para apenas uma mulher.
Uma alvéola branca pousa num ramo.
Esvoaça, cega, entre a poeira do caminho,
leva bênção nas asas e, no bico, palha para o ninho.
Cai o ramo,
assenta a poeira,
medas levantadas sobre os cotos do restolho.
Desce a lágrima barrenta pelo canto do olho.
Morreram centenas de alvéolas,
caíram dezenas de ninhos,
por apenas um corpo moreno.

O milho mirrado não esperneia ao vento,
é mendigo tolhido num banco ao relento.
Uma alvéola branca busca um abrigo.
Cai de um ramo, levanta poeira,
levanta-se o corpo num banco de jardim:
quem quer casar comigo?
Coube-lhe noivo um horizonte sem fim...

Rui Guedes

Quero Sentar-me na Tua Nuvem

Sento a carcaça na cadeira e, com os braços no peitoril da janela, contemplo o dia de Inverno, que malha no silêncio da cidade. Mas, ao ouvir o relógio a palrar um horário tardio, movo o rosto. Então, na mesa da sala, encontro os lábios da minha donzela. Os lábios que se cobriram com terra quando a morte veio ter com ela. Isso provoca-me uma dor no peito. Uma dor que me obriga a olhar para o dia em que, no café do Tone, perguntei à desconhecida se podia passar a tarde com ela, "Pode", e se ela amava as páginas do livros, "Amo".

Nos dias seguintes, depois do almoço, estivemos juntos, quase sempre no mesmo café. Aproveitámos o momento para falar sobre tudo, até dos temas que, por vergonha, não falávamos com os nossos pais. Por causa disso, ficámos a conhecer as formas da nossa infância, os desvarios da nossa puberdade e as opiniões que tínhamos das pessoas e do mundo. Porém, em Setembro, plantámos cinzas nas palavras, porque, para nós, o secundário era um monstro com dentes de leão.

Anos mais tarde, fomos à biblioteca encher o pensamento com viagens que aparecem nos livros. No final do dia, para aliviar o peso que tinha no peito, olhei para ela e, com as bochechas acanhadas, coloquei o meu coração na boca. Isso permitiu-me ter na garganta o pedido perfeito, "Aceitas ser a minha borboleta?", ela ficou calada, estática como uma estátua que decora uma praça. Depois folheou um livro. Um livro que, na última página, em letras garrafais, tinha a resposta, "Aceito".

Quando a vida académica começou, fiquei desolado, porque entrámos em faculdades distintas. Para fugir a isso, tentei socorrer-me das palavras que ela me tinha vociferado, "Usa o telefone para esfaquear a saudade", mas não consegui, não fui capaz de me libertar da tristeza. Por isso, no início de Novembro, a minha mãe abriu a porta, entrou no meu quarto e, depois dos beijos, disse-me que "Os adultos enfrentam muitos problemas", "Enfrentam?", "Enfrentam", e disse-me que, para dormir que nem um anjo, "Os adultos devem de os expulsar das suas vidas", "Como?", "Com decisões".

Nesse mesmo dia, coloquei em prática a minha, "Vou desistir do curso", no ano seguinte, fiz um exame, que tinha perguntas amargas. Mesmo assim, tirei uma nota que me permitiu ingressar na faculdade que ela ingressou. Quando ela soube disso,

abraçou-me, beijou-me e disse-me palavras amáveis. Porém, a chorar, disse-me, ''Andas louco. Tens a cabeça fora do sítio'', porque não podia moldar a minha vida em função da vida dela. Para travar a tempestade, fechei-lhe a boca com as mãos e disse-lhe que, na vida, o essencial não é o dinheiro, os vestidos ou as viagens a sítios bonitos, o essencial é ser amado.

Depois da faculdade, entrámos no estágio. No início, fomos incapazes de lidar com o trabalho. Mas, a meio, como já éramos peixe na água, alcançámos resultados que a empresa nunca conseguira. Isso trouxe-nos trabalho redobrado e inimizades com os colegas. A consequência dessa amálgama, desse cocktail explosivo, foram noites e fins-de-semana sem dormir. Então, num dia de vento, dei um murro na mesa e, aos gritos, disse-lhe, ''Chega. Amanhã vou marcar uma viagem'', uma viagem que nos levou para um local que era ocupado por macacos e por índios.

De regresso a casa, aproveitei o calor de uma noite de Verão para a sentar num banco de pedra e pedir-lhe para fechar os olhos. Ela resmungou, esbracejou e disse-me palavras amargas. Depois fez o que lhe pedi. Isso permitiu-me pousar os joelhos na gravilha e sorrir para os músicos, que tocaram a sua música favorita. Para comemorar o insólito, ela ergueu as pálpebras. Mas, ao ver-me com um anel na mão, abriu a boca, alargou o olhar e colou as mãos às bochechas. Por fim deu-me um grito, ''Aceito. Caso contigo'', e encheu-me de lágrimas.

Com o casamento consumado, entrámos num avião. Perto da lua, ela olhou para mim e informou-me, ''Sou a mulher mais feliz do mundo'', dei-lhe um sorriso e, durante o jantar, disse-lhe que, por causa dela, ''Estou enamorado'', essas confissões foram ouvidas pelo vizinho, porque, depois do café, nos disse que, se as pessoas regassem o amor como nós o regámos, não havia casais separados.

Décadas mais tarde, no dia do nosso aniversário, acordámos antes dos galos. Depois dos beijos, disse-lhe, ''Tenho uma coisa para ti'', ''Uma coisa?'', ''Sim'', ''Que coisa?'', em silêncio, entreguei-lhe um embrulho, ''O que é isto?'', ''Não faço ideia'', ela deu-me uma cotovelada, como se fosse uma carícia, e rasgou o embrulho. Quando viu uma caixa de bombons, fez do quarto uma fábrica de sorrisos, de gritos, de palavras que falaram do paraíso.

À noite, ao entrar em casa, reparei que as divisões estavam solitárias e que o telefone trovejava. Para o calar, ergui o auscultador, "Estou", "Boa noite. Fala o patrão da sua esposa", "Olá. Como está?", "Apresento-lhe as minhas condolências", "Condolências?", "Sim. A sua esposa morreu", "O que é que me disse?", "A sua esposa morreu. Foi atropelada por um indivíduo embriagado", larguei então a brasa e, aos berros, agarrei no bengaleiro e atirei-o à parede.

Depois do funeral, entrei em casa e deitei-me na cama. Como tive dias sem sair do quarto, a minha irmã, num sábado de tarde, empurrou a porta e, com o dedo em riste, pediu-me para regressar à rotina. Fiz-me de surdo. Mas, à noite, ao telefone, disse-lhe, "Obrigado. Obrigado por tudo", e disse-lhe que ela é uma corda que me agarra à vida, é um chicote que me aniquila a vontade de morrer.

Hoje, no dia do nosso aniversário, digo que a minha irmã já não é o meu porto de abrigo, porque sou um homem desesperado, que não suporta esta toca sem flores, esta vida sem chama. Por isso abro os olhos, tiro a carcaça da cadeira e entro na rua. Depois vou para o cemitério. Ao lado de uma árvore, olho para cima, para a nuvem que parece um corpo, e engulo um líquido venéfico, "Amor, não saias daí. Estou quase a chegar".

Sílvio M. Silva

AS CAMÉLIAS CENTENÁRIAS DO "PALACETE DA GRANJA"

CASA DA CULTURA DE PAREDES

Gigantea

Oca

Eugénia de Montijo

Anémona Variegata Portuensis

Linguagem dos anjos

‘‘apetece-me explicar, agora, as asas dos anjos’’ e falar do sabor da cor que nos infunde a verdade dentro da boca, olhar as cores primais do fim dos dias e o alaranjar das horas dentro dos jardins onde olhamos a sonolência dos homens que regressam a casa, e o bailar dos pássaros defronte da grande sedução do céu. Olhar para os comboios que regressam aos cais com gente que acena com uma mão o adeus principial e com a outra mão o aceno do regresso final, as mulheres nas esplanadas dos cafés desfolhando histórias dentro do sabor do café, dois dedos de conversa e os olhares atentos às crianças que atravessam os sorrisos alheios como gomos de laranja. Ouço o saciar do vento e a saliva das lágrimas, o som das traineiras que a embarcam no mar alto com o engolir da saudade de quem cá fica sem saber se regressa de quem parte. Observo o corpo da mulher que dança dentro das lâmpadas das candeias dentro da noite dentro da roupa dentro das sombras projectadas para dentro da sensibilidade dos olhares feitos ventres de fogo. Vejo o homem no meio da cidade que diz poemas ao desbarato, que engole o silêncio de quem passa como migalhas de palavras preenchidas de medronhos e líquidos de chuva. Uma voz rouca acena um verso do Jorge de sena. Tal como começo este verso assim o acabo. Os anjos habitam na boca que lembra a paz e as pedras tumulares onde se ouvem a soma dos beijos de quem ali dois corpos fundiu no chão do encontro ao largo das esquinas da cidade.

Vítor Hugo Moreira

Encontros

Aqui encontramos os lugares a que pertencemos, as divisões da casa estreita com as janelas ao Pôr do sol e as roupas vestidas nas molduras de perfil. Os livros bibliograficamente detalhados nas prateleiras, uns com o cheiro do pó, outros com a urgência das mãos, regatos as histórias desenhadas nas noites íntimas. Ouvimos o ranger das madeiras dentro da casa. E a máquina de café a manter acordado os sonhos dentro da noite. La fora, pessoas que se magentam nos jardins entre goles de fins de dias alucinados, automóveis que se apressam para o regresso da melancolia da noite, e os animais consolando o cio da luz das estrelas. Caimos no grande chão beijando o cheiro do corpo amuralhado de orvalhos e relva, a mão tacteando a pele e ali beijar o reflexo do bater do relógio escutando o passar do tempo na infância da loucura

A vós, aos apaixonados que vivem vivem vivem cada minuto que passou no encontro de duas bocas em lágrimas, umas na despedida, outras nas chegadas, postas em mais de um milhão de horas vivas, cicatrizes curativas, carrilhões de sons que rasgam as peles, e o vinho corre nos sorrisos das alturas do tempo que passa, do tempo que passou, do chão que chorou, do chão que dançou... e corremos atrás do relógio perdido do tempo que foi usado sem nunca ter respirado no tempo que escorreu e os automóveis que atravessam a cidade aturdida e posta em grande aflição, gente que se adormece na noite nos cantos dos cinzentos prédios na vertical distância das vozes que suplicam o amor e as sombras das arvores alheias aos corpos que se escondem por detrás das rosas e do destino. E agravam-se os dias, nessas tatuagens de silêncios nos braços que senpartilham na casa da raiz do sangue, abrindo apetites para a boca dispersos nas algibeiras dos quotidianos , onde umas vezes nos encontramos destruídos pelas mortes de quase todos os dias de em outros continentes em guerras que não são nossas, que não nos pertence, ouviste, não nos pertence, mas há paredes nesta casa que não me deixam sobreviver sem o sangue dos outros, até depois de morta a sombra da voz do outro, em línguas diferentes me pertencem como uma lágrima em forma de grito deslizando sobre o poema. Só conheci Abdul depois da sua morte na guilhotina dos infiéis ... Mas não foi por isso que deixei de o amar. De lhe dar o meu rosto. Assim como o to dou a ti. Quando espero por ti na esplanada do costume e a luz da lua me banha o rosto com o que resta da sua magia e eu formo um campo aberto de gerânios e perpétuas roxas e um cheiro no corpo adorando a presença como se adora um deus ou um as flores mais preciosas que temos na mesa do centro da casa que convidamos os amigos sempre a visitar sempre, a visitar sempre. E ali beijar o reflexo do bater do relógio escutando o passar do tempo na infância da loucura

Vítor Hugo Moreira

Grãos de trigo

Amanhã
vou esquecer os diospiros do outono
olhares afeiçoados
(refeições no terraço)
pássaros azuis
o som limpo das vogais

talvez faça um poema
palavras mesuradas
(sintético eficaz)
de pensamentos profundos
e sons exactos

E vou estar louco
ou morto.

Zeferino Silva

Abril é outro tempo,
luz aberta
lembranças de repouso,
parece.

Nalgumas tardes, nesgas de sol,
dá vontade de chamar
mãe, anda cá, vem sossego desta luz,
igualinha às tuas mãos quando chegava da escola.

O tempo é o que é
e a luz não se entrega,
é assim.

Mãe, deixa lá,
só queria um poema como o das tuas mãos.

Procuro um livro que tenha as palavras que aprendi.
Preciso saber as que esqueci. E pegá-las como o mágico ao lencinho: dobra, esconde, mostra, e, dos dedos, o pano branco faz-se pássaro, papéis de brilho.

As palavras esquecidas imagino-as em carruagens paradas nos montes e foram as das minhas viagens.

Quero-as e aos desenhos que fizemos.

Vou encontrá-las e seremos pássaros brilhantes a voar para onde vai o vento.

Colhe uma flor
se o sol vai duro
e não tenhas pressa.

Vêm aí os pássaros dos jardins.

Zeferino Silva

AS CAMÉLIAS CENTENÁRIAS DO "PALACETE DA GRANJA"

CASA DA CULTURA DE PAREDES

Orandakô

(C. Japónica Sem Referência)

Speciosissima

FOTOGRAFIA

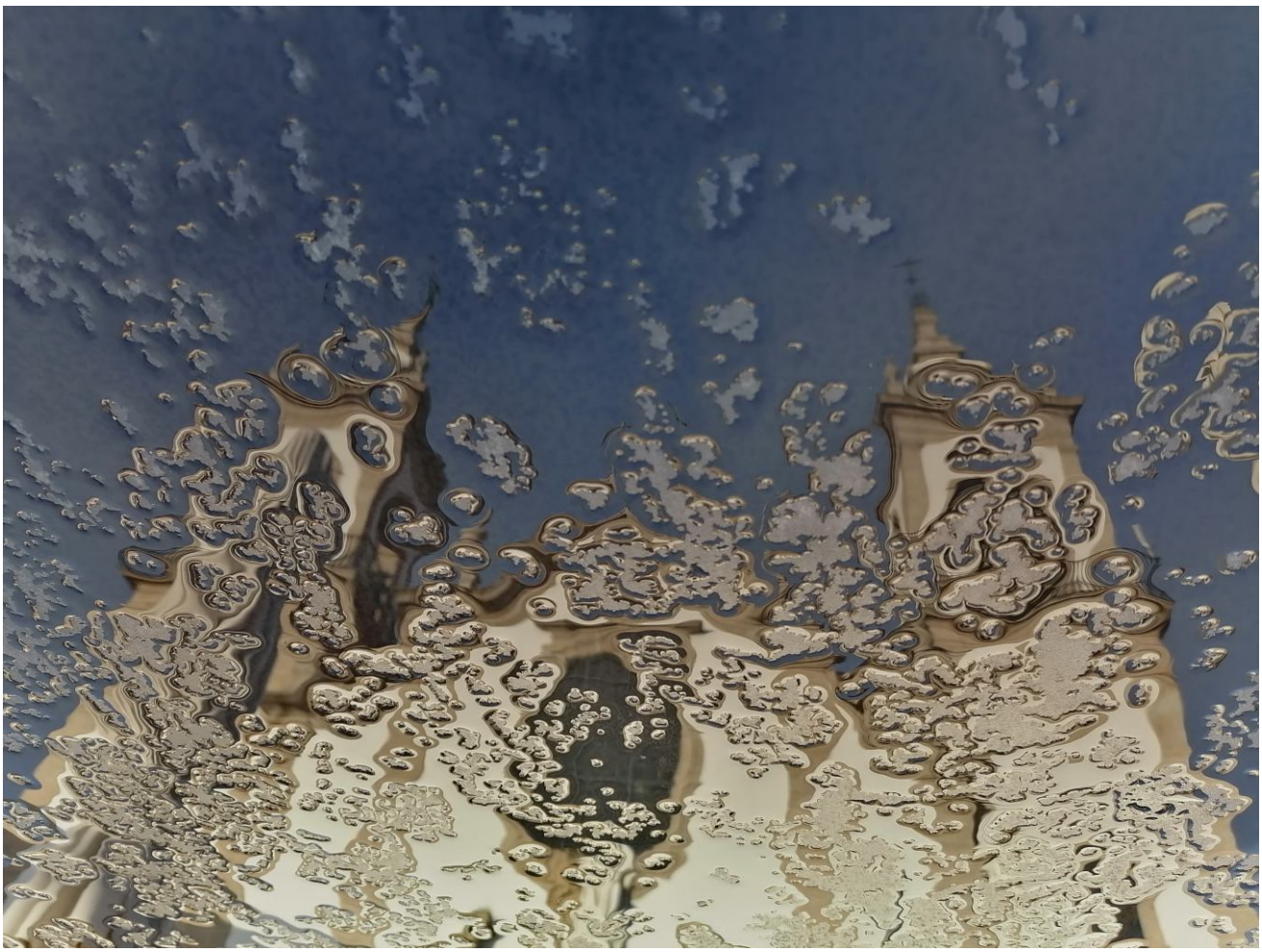
POESIA NA GARGANTA

VOLUME III

Março 2021

Capitalismo

António Bernardino Coelho



Searching
Gaspar Torrão
2020

A Fé de um Anjo
Norberto Valério

Fado de Maresia

Norberto Valério

Fado do Confinamento

Norberto Valério

O Mar e a Fé
Norberto Valério

O Poder da Renovação
Norberto Valério

Renato Lainho

Teresa Lama Serra

MÚSICA

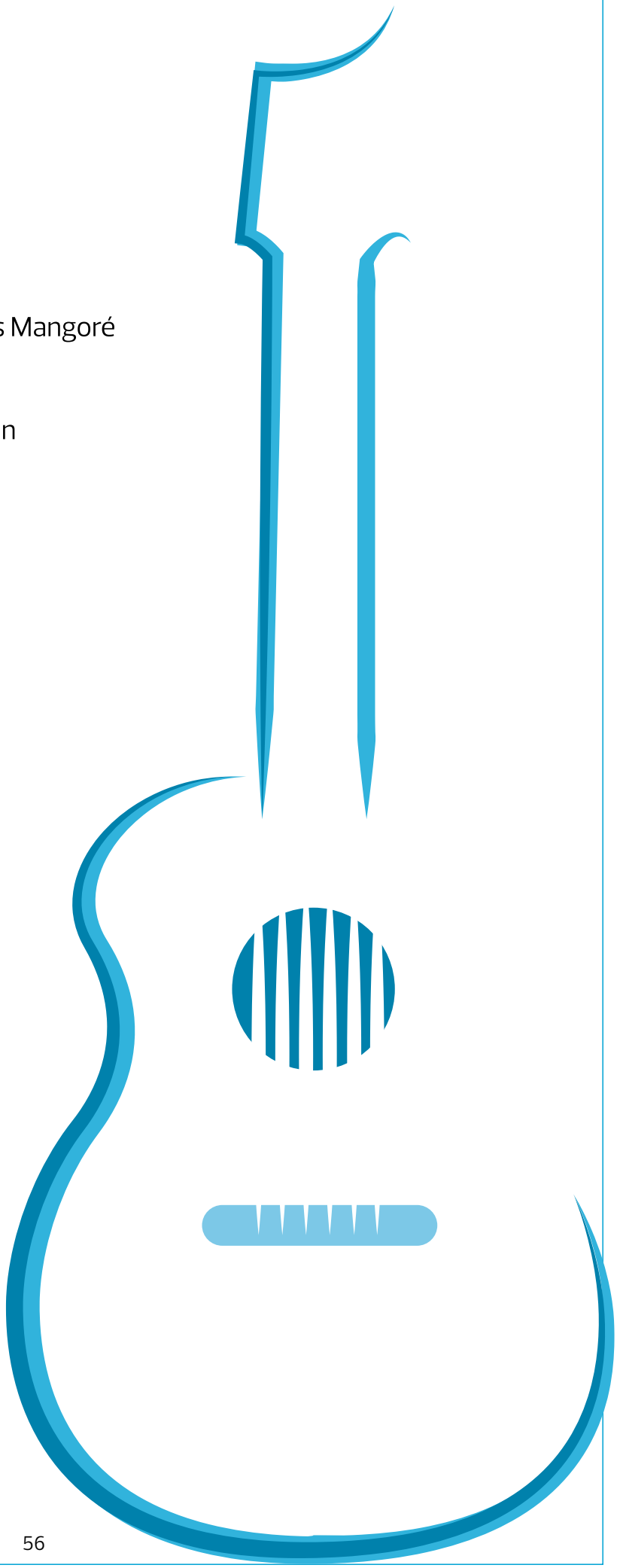
POESIA NA GARGANTA

VOLUME III

Março 2021

Daniel Lemos

- "La Catedral", Agustine Barrios Mangoré
  I – Prelúdio (Saudade)
- "West Coast", Helen Sanderson
- "Montain Song", Lee Sollory
- "Lágrima", Francisco Tárrega



PINTURA

POESIA NA GARGANTA

VOLUME III

Março 2021

Poderes MelOdiosos
Ana Vasco

PoesianaGargantaPoesianaGargantaPoesianaGargantaPoesianaGargantaPoesianaGargant
aPoesianaGargantaPoesianaGargantaPoesianaGargantaPoesianaGargantaPoesianaGargan
taPoesianaGargantaPoesianaGargantaPoesianaGargantaPoesianaGargantaPoesianaGarga
ntaPoesianaGargantaPoesianaGargantaPoesianaGargantaPoesianaGargantaPoesianaGarg
antaPoesianaGargantaPoesianaGargantaPoesianaGargantaPoesianaGargantaPoesianaGar
gantaPoesianaGargantaPoesianaGargantaPoesianaGargantaPoesianaGargantaPoesianaGa
rgantaPoesianaGargantaPoesianaGargantaPoesianaGargantaPoesianaGargantaPoesianaG
argantaPoesianaGargantaPoesianaGargantaPoesianaGargantaPoesianaGargantaPoesiana
GargantaPoesianaGargantaPoesianaGargantaPoesianaGargantaPoesianaGargantaPoesian
aGargantaPoesianaGargantaPoesianaGargantaPoesianaGargantaPoesianaGargantaPoesia
naGargantaPoesianaGargantaPoesianaGargantaPoesianaGargantaPoesianaGargantaPoesi
anaGargantaPoesianaGargantaPoesianaGargantaPoesianaGargantaPoesianaGargantaPoes
ianaGargantaPoesianaGargantaPoesianaGargantaPoesianaGargantaPoesianaGargantaPoe
sianaGargantaPoesianaGargantaPoesianaGargantaPoesianaGargantaPoesianaGargantaPo
esianaGargantaPoesianaGargantaPoesianaGargantaPoesianaGargantaPoesianaGargantaP
oesianaGargantaPoesianaGargantaPoesianaGargantaPoesianaGargantaPoesianaGarganta
PoesianaGargantaPoesianaGargantaPoesianaGargantaPoesianaGargantaPoesianaGargant
aPoesianaGargantaPoesianaGargantaPoesianaGargantaPoesianaGargantaPoesianaGargan
taPoesianaGargantaPoesianaGargantaPoesianaGargantaPoesianaGargantaPoesianaGarga
ntaPoesianaGargantaPoesianaGargantaPoesianaGargantaPoesianaGargantaPoesianaGarg
antaPoesianaGargantaPoesianaGargantaPoesianaGargantaPoesianaGargantaPoesianaGar
gantaPoesianaGargantaPoesianaGargantaPoesianaGargantaPoesianaGargantaPoesianaGa
rgantaPoesianaGargantaPoesianaGargantaPoesianaGargantaPoesianaGargantaPoesianaG
argantaPoesianaGargantaPoesianaGargantaPoesianaGargantaPoesianaGargantaPoesiana
GargantaPoesianaGargantaPoesianaGargantaPoesianaGargantaPoesianaGargantaPoesian
aGargantaPoesianaGargantaPoesianaGargantaPoesianaGargantaPoesianaGargantaPoesia
naGargantaPoesianaGargantaPoesianaGargantaPoesianaGargantaPoesianaGargantaPoesi
anaGargantaPoesianaGargantaPoesianaGargantaPoesianaGargantaPoesianaGargantaPoes
ianaGargantaPoesianaGargantaPoesianaGargantaPoesianaGargantaPoesianaGargantaPoe
sianaGargantaPoesianaGargantaPoesianaGargantaPoesianaGargantaPoesianaGargantaPo
esianaGargantaPoesianaGargantaPoesianaGargantaPoesianaGargantaPoesianaGargantaP
oesianaGargantaPoesianaGargantaPoesianaGargantaPoesianaGargantaPoesianaGarganta

CÂMARA MUNICIPAL
PAREDES